

Árvores e Palmeiras Indicadas para a Recuperação de Áreas Degradadas no Programa de Regularização Ambiental (PRA) na Bacia do Rio Acre



A lei de proteção à vegetação nativa, nº 12.651/2012 (antigo Código Florestal Brasileiro), traz algumas inovações importantes para a proteção e conservação da biodiversidade da flora brasileira. Uma delas é a criação do cadastro ambiental rural (CAR), o qual tem como um dos objetivos apoiar o planejamento do imóvel rural, contribuindo para recuperar áreas degradadas, formar corredores ecológicos e conservar os demais recursos naturais (p. ex.: água e solo). Como resultado do CAR, todos os produtores rurais com passivos ambientais documentados após o dia 22 de julho de 2008 (data da regulamentação da lei de crimes ambientais) são obrigados a regularizar a situação de suas propriedades por meio do Programa de Regularização Ambiental (PRA).

Quando o produtor agrícola adere ao PRA tem uma série de incentivos, tais como:

- 1) Regularização das áreas de preservação permanente (APPs) e reserva legal (RL) com uso do solo consolidado (alterações realizadas antes do dia 22/7/2008) na propriedade rural, evitando com isso multas.
- 2) Recuperação da vegetação nativa em APPs e/ou RLs degradadas após o dia 22/7/2008, por meio de um projeto de recuperação de áreas degradadas (Prada).
- 3) Compensação do déficit RL por meio de contratos de servidão, aquisição de cotas de reserva ambiental (CRA) ou de áreas com vegetação nativa no Bioma Amazônia.

O Acre foi um dos primeiros estados a completar o cadastramento de praticamente todas as propriedades rurais no CAR e inicia agora a execução do PRA. Em um esforço coletivo visando apoiar técnicos da assistência técnica e extensão rural (Ater), a Secretaria de Meio Ambiente (Sema/AC), a Embrapa Acre, a Universidade Federal do Acre (Ufac), juntamente com outros parceiros, estabeleceram listas de espécies de árvores nativas indicadas para compor ações de recuperação de áreas degradadas na bacia do Rio Acre (Figura 1).



Figura 1. Área em início de sucessão florestal com grande presença de embaúbas ao fundo.
Foto: Luís Cláudio de Oliveira

A manutenção das florestas nativas bem como a recuperação dos trechos florestais já alterados (Figuras 2 e 3) é fundamental para manter diversos serviços ambientais, tais como controle do clima, polinização e produção de água. Para recuperar a floresta, é possível plantar mudas e/ou sementes das diferentes espécies, as quais podem ser divididas em dois grupos de acordo com sua funcionalidade:

- 1) Espécies de recobrimento: conjunto de espécies nativas de árvores e arbustos de rápido crescimento, que tem por função cobrir o solo e controlar o avanço de espécies indesejáveis para a recuperação da vegetação nativa, tais como braquiária, mutamba-preta (*Guazuma ulmifolia*) e taperebá (*Spondias mombin*).
- 2) Espécies de diversidade: demais espécies vegetais nativas (herbáceas, arbustos e/ou árvores) que têm como função garantir a perpetuação da floresta ao longo do tempo, por meio, por exemplo, da atração da fauna nativa, propiciando a regeneração natural de várias espécies que não foram plantadas na área em recuperação, aumentando com isso a biodiversidade local e recuperando a resiliência (capacidade da floresta de se adaptar a mudanças ambientais).

Nas Tabelas 1 a 3 encontram-se de forma resumida as principais espécies arbóreas e de palmeiras indicadas para compor projetos de restauração ecológica de florestas ciliares na bacia do Rio Acre. As tabelas foram geradas com base em um amplo inventário das florestas ciliares que recobrem a bacia do Rio Acre realizado pela Universidade Federal do Acre em parceria com a Embrapa Acre.

Tabela 1. Principais espécies arbóreas de recobrimento para as matas ciliares da bacia do Rio Acre.

Nome comum	Família	Espécie
Açacu	Euphorbiaceae	<i>Hura crepitans</i> L.
Ingá	Fabaceae	<i>Inga marginata</i> Willd.
Mutamba-preta	Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.
Taperebá, taperebá-de-anta, taperebá-de-veado	Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.

Fonte: dados brutos coletados pela Ufac, com apoio do CNPq, no mapeamento das matas ciliares da bacia do Rio Acre e inventário florestal processado pela Embrapa Acre.

Tabela 2. Principais espécies de palmeiras (família Arecaceae) para as matas ciliares da bacia do Rio Acre.

Nome comum	Espécie
Açaí-solteiro	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.
Aricuri, ouricuri, uricuri	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.
Bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.
Catolé	<i>Attalea racemosa</i> Spruce
Coco-inajá, coco-najá	<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart.
Jarina	<i>Phythelephas macrocarpa</i> Ruiz & Pav.
Marajá, mombaca, palmeirinha, paxiubinha	<i>Bactris maraja</i> Mart.
Murumuru	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.
Patauá	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.
Paxiubinha	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.
Pupunha, pupunha-brava, pupunha-do-mato	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth
Tucumã	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G. Mey

Fonte: dados brutos coletados pela Ufac, com apoio do CNPq, no mapeamento das matas ciliares da bacia do Rio Acre e inventário florestal processado pela Embrapa Acre.

Tabela 3. Principais espécies arbóreas de diversidade para as matas ciliares da bacia do Rio Acre.

Nome comum	Família	Espécie
-	Annonaceae	<i>Pseudoxandra acreana</i> Maas
	Annonaceae	<i>Ephedranthus boliviensis</i> Chatrou & Pirie
	Putranjivaceae	<i>Drypetes amazonica</i> Steyerl.
	Meliaceae	<i>Guarea grandifolia</i> DC.
	Chrysobalanaceae	<i>Hirtella bicornis</i> Mart. & Zucc.
	Caricaceae	<i>Vasconcellea microcarpa</i> (Jacq.) A.DC.
	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.
Abiurana-branca	Sapotaceae	<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre
Abiurana-roxa	Sapotaceae	<i>Pouteria glomerata</i> (Miq.) Radlk.
Algodão-bravo, algodoeiro, pau-de-balsa	Malvaceae	<i>Ochroma pyramidale</i> (Cav. ex Lam.) Urb.
Bigueiro	Fabaceae	<i>Albizia inundata</i> (Mart.) Barneby & J.W.Grimes
Breu-sucuruba, breu-vermelho	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart
Canafístula, fava-Canafístula	Fabaceae	<i>Schizolobium parahyba</i> var. <i>amazonicum</i> (Huber ex Ducke) Barneby
Carapaúna-preta	Apocynaceae	<i>Aspidosperma discolor</i> A.DC.
Caucho, caucho-banha	Moraeeae	<i>Castilla ulei</i> Warb.
Chichá-casca-mole	Malvaceae	<i>Sterculia pruriens</i> (Aubl.) K.Schum.
Cipó-laranjinha, grão-de-galo	Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.
Copaíba, copaíba-amarela, copaíba-preta	Fabaceae	<i>Copaifera paupera</i> (Herzog) Dwyer
Cumaru-ferro	Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.
Embaúba-branca, embaúba-torém	Urticaceae	<i>Cecropia engleriana</i> Sneathl.*
Envira	Annonaceae	<i>Pseudomalmea diclina</i> (R.E.Fr.) Chatrou
Envireira	Annonaceae	<i>Annona amazonica</i> R.E.Fr.
Espinheiro-preto	Fabaceae	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose
Envira-pente-de-macaco, pente-de-macaco	Malvaceae	<i>Apeiba echinata</i> Gaertn.
Figueira	Moraceae	<i>Ficus acreana</i> C.C.Berg
Figueira	Moraceae	<i>Ficus glabrata</i> Kunth
Ingá-xixi	Fabaceae	<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.
Inharé-mole	Moraceae	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber
Limãozinho	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.
Marupá-preto	Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.
Maçaranduba	Sapotaceae	<i>Manilkara bidentata</i> (A.DC.) A.Chev.
Matamatá-branco	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A.Mori

Continua...

Tabela 3. Continuação.

Nome comum	Família	Espécie
Menrigiba-da-mata	Combretaceae	<i>Terminalia amazonia</i> (J.F.Gmel.) Exell
Mulateiro, pau-mulato	Rubiaceae	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) K.Schum.
Mulungu	Fabaceae	<i>Erythrina verna</i> Vell.
Pau-d'alho	Phytolaccaceae	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms
Pau-d'arco-roxo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos
Pau-sangue, pau-sangue-casca-fina	Fabaceae	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl
Rabo-de-camaleão, unha-de-morcego	Fabaceae	<i>Senegalia multipinnata</i> (Ducke) Seigler & Ebinger
Seringueira	Euphorbiaceae	<i>Hevea brasiliensis</i> L.
Sumaúma	Malvaceae	<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.
Tamarina, jutaíca	Fabaceae	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith

*Espécie com grande capacidade de regeneração sem necessidade de plantio de mudas e/ou sementes.

Fonte: dados brutos coletados pela Ufac, com apoio do CNPq, no mapeamento das matas ciliares da bacia do Rio Acre e inventário florestal processado pela Embrapa Acre.



Figura 2. Desbarrancamento nas margens desmatadas do Rio Acre (esse processo é natural porém o desmatamento potencializa sua ocorrência).

Foto: Luís Cláudio de Oliveira



Figura 3. Vista aérea de áreas de pastagem e floresta ribeirinha na bacia do Rio Acre.
Foto: Evandro Orfanó Figueiredo

Elaboração:

Ernestino de Souza Gomes Guarino

Engenheiro florestal, doutor em Botânica, pesquisador da Embrapa Acre,
Rio Branco, AC

Luís Cláudio de Oliveira

Engenheiro florestal, mestre em Ciências de Florestas Tropicais, pesquisador da Embrapa Acre,
Rio Branco, AC

Ecio Rodrigues da Silva

Engenheiro florestal, doutor em Desenvolvimento Sustentável, professor da Universidade Federal do Acre,
Rio Branco, AC

Moema Silva Farias

Engenheira florestal, Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Rio Branco, AC

André Schatz Pellicciotti

Engenheiro florestal, Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Rio Branco, AC

Robert Moraes Thompson

Engenheiro florestal, mestre em Ciências de Florestas, analista da Embrapa Sede,
Brasília, DF

Revisão de texto:

Claudia Carvalho Sena / Suely Moreira de Melo

Diagramação e arte-final:

Eduardo Soares Pereira

Foto da capa:

Evandro Orfanó Figueiredo

1ª edição: agosto/2017

1ª impressão (agosto/2017): 1.000 exemplares

www.embrapa.br

www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Patrocínio:



Empoderando vidas.
Fortalecendo nações.

Realização:



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

